UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

44

INSCRIÇÕES 196-200

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1993

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga
ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.

Education et culture
Culture 2000

Depósito Legal Nº 191563/03

ARA DEDICADA A JÚPITER EM BRACARA AVGVSTA

FOTO 196

Altar votivo, de granito, achado, em Janeiro de 1992, quando se procedia ao desentulhamento da zona subjacente ao palco do Teatro Circo, sito na Avenida da Liberdade, em Braga (*Bracara Augusta*) ([1]).

Moldurado nas quatro faces, apresenta capitel com dois toros lisos a ladear o fóculo, que é cavado ao centro duma superfície elíptica e que tem 16 cm de diâmetro externo e 7 cm de profundidade média; frontão triangular. A moldura que separa o capitel do fuste é constituída por ranhura seguida de uma gola encurtada; o inverso se passa na moldura da base, onde a gola reversa é rematada por ranhura de traçado algo sinuoso.

Dimensões: 51 x 35/30/35 x 35/30.

Campo epigráfico: 23,6 x 30.

I(*ovi*). O(*ptimo*). M(*aximo*). / G(*aius*). IVL(*ius*). SA/TVRNINVS / MIL(*es*). LEG(*ionis*) / [5] VII (*septimae*). GEM(*inae*). / F(*idelis*). / AFER

A Júpiter Óptimo Máximo. Gaio Júlio Saturnino, soldado da VII Legião Gémina Félix, Africano.

Altura das letras: 3/3,5. Espaços: 1: 0,5; 2: 1,6; 3: 1,5: 4 a 6: 1; 7: 1,5.

Apesar do alinhamento à esquerda, a paginação não denota um hábil *ordinator*, porquanto não logrou integrar o F da 1. 6 na linha anterior, o que seria textualmente mais lógico e, até, fácil se se tivesse diminuído o espaço após o numeral e desenhado com mais regularidade o M final. Já quanto à gravação do vocábulo AFER na moldura –

([1]) Agradeço à equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho não só a comunicação do achamento da ara, que se deve à Dr[a] Ana Bettencourt, como também os dados concretos relativos às dimensões e demais características físicas do monumento e a cedência da respectiva fotografia.

Sobre esta ara publiquei uma notícia na edição de 22 de Abril de 1992 (pp. 4 e 15) do «Diário do Minho», sob o título *Altar romano dedicado ao deus Júpiter jazia sob o palco dum teatro bracarense*. Esse texto foi transcrito no «Boletim de Estudos Clássicos», 18, Dezembro de 1992, pp. 145-148.

– gravação que, pelo *ductus* das letras, é contemporânea do resto da inscrição –, hesitaria em considerá-la, sem mais, um erro. Na verdade, o vocábulo – indicativo, sem dúvida, da *origo* – está ali deslocado, se levarmos em linha de conta as estrictas regras epigráficas, que preconizam a sua inserção após o *cognomen*. Preferiria, porém, ver aí uma vontade expressa de individualização. Não seria esse o nome por que este soldado era quotidianamente designado pelos companheiros de armas: «o africano»? Não teria ele também um certo orgulho em tal designação? ([2])

A pontuação – que obedece também a princípios estéticos de ocupação dos espaços vazios – é constituída por pontos circulares.

Os caracteres, gravados em bisel, são actuários, denotando, pela sua irregularidade, um esboço prévio sem grandes preocupações de rigor estético. Notem-se: o M muito largo, resultante, nos dois primeiros, da junção de dois AA enquanto o último parece ter sido desenhado duma só vez e em posição pouco cómoda em relação à superfície epigrafada; o G, de haste breve e vertical; o R feito também de uma só vez, quase cursivo e aberto; A sem barra horizontal. Apenas o O denuncia a eventual utilização de compasso ou, pelo menos, de um molde circular como apoio para o seu traçado.

Poderemos considerar – como já tive ensejo de escrever – que o ex-voto foi encomendado por este militar, em acção de graças à divindade por especial protecção recebida ou para que Júpiter doravante dele se amerceie perante os perigos ainda a enfrentar.

O culto a Júpiter, com os seus qualificativos de Óptimo e Máximo, está sobejamente documentado na região ([3]).

O dedicante apresenta uma onomástica típica dos primórdios do Império: *praenomen* e *nomen* (este, em abreviatura) da família imperial. O facto de se chamar Gaio Júlio é, pois, uma espécie de homenagem a Gaio Júlio César: muitos indígenas, ao alistarem-se nas fileiras ou ao integrarem-se no esquema de identificação romano, quiseram adoptar esses dois nomes, mantendo o terceiro que lhes era próprio. A circunstância de mandar gravar *Iulius* em abreviatura é sintoma, porém, de uso

---

([2]) Sobre a ocorrência do cognome *Afer* na Península Ibérica e o seu significado, cf. GUICHARD (Pascal) e LEFEBVRE (Sabine), *Un nouveau vicus en Hispanie d'après une inscription inédite d'Estrémadure,* «Mélanges de la Casa de Velázquez», 28(1), 1992, pp. 168-173 (o dedicante da inscrição aqui estudada chama-se *L. Iulius Afer*). Poderá também ter interesse a consulta do trabalho de JEAN-MARIE LASSÈRE, *Les Afri et l'armée romaine*, «L'Africa Romana», 5, 1988, 177-188.

([3]) Cf. TRANOY (Alain), *La Galice Romaine*, Paris, 1981, pp. 315-321.

comum, próprio de uma romanização consolidada. *Saturninus*, apesar de suficientemente documentado na região ([4]), tem sido considerado um *cognomen* com muitas raízes no Norte de África ([5]). A questão da eventual origem africana de Gaio Júlio Saturnino está, assim, duplamente comprovada.

Esta obervação detém algum interesse, porque se prende com as áreas geográficas de recrutamento dos soldados para a VII Legião. Estabelecida oficialmente pelo imperador Vespasiano, a 10 de Junho do ano 70, a partir da legião formada dois anos antes pelo imperador Galba por ocasião do seu golpe de estado contra Nero ([6]), esta legião recebeu o nome de *Gemina* decerto por ter resultado da fusão de mais do que uma unidade e foi cognominada de *Felix* pelo mesmo imperador Vespasiano, no momento em que ele assume, de facto, o poder imperial ([7]), como que para a associar, desta forma, à sua *Felicidade* por ter saído vitorioso da crise política que ameaçara fazer soçobrar o Império.

Aponta-se como muito provável a instalação da legião no seu acampamento de León no ano 74, após a participação em campanhas militares, designadamente na região do rio Reno ([8]). Sabe-se, por outro lado, na sequência de achados recentemente interpretados por Patrick Le Roux ([9]), que efectivos da Legião VII tiveram acção relevante nas Guerras Dácicas do imperador Trajano, nomeadamente em 106. Confirma-se também que, a partir do reinado do imperador Adriano (117-138), as

---

([4]) Cf. TRANOY, *o. c.*, p. 364.

([5]) Cf. KAJANTO (I.), *The Latin Cognomina*, Helsinkki [1]1965, Roma [2]1982, p.55. É assaz sublinhada a ligação do nome com a divindade *Saturnus*: cf. LE GLAY (Marcel), *Saturne Africain – Histoire*, Paris, 1966, pp. 120-124, e também M. BLECH, *Saturn in Hispanien*, «Madrider Mitteilungen», 19, 1978, p. 245. Mais reticente a este propósito se mostrou, a dado momento, Carmen Castillo (*Un trienio de epigrafía latina en* ***Hispania****: Logros y perspectivas*, «Unidad y Pluralidad en el Mundo Antiguo», Actas del VI Congreso Español de Estudios Clásicos, Madrid, 1983, p. 113) que escreve: «La relación *Saturninus/Saturnus* sugerida por Blech, aunque posible, no es determinante de la presencia del nombre *Saturninus*; éste es uno de los *cognomina* más extendidos en todo el Imperio: Kajanto cuenta hasta 1713 en CIL».

([6]) Cf. LE ROUX (Patrick), *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris, 1982, p. 153.

([7]) Cf. LE ROUX 1982, pp. 152-153.

([8]) Cf. TRANOY, o. c., pp. 172-173.

([9]) Cf. LE ROUX (Patrick), *L'****exercitus Hispanus*** *et les Guerres Daciques de Trajan*, «Mélanges de la Casa de Velázquez», 21, 1985, pp. 77-97.

atenções desta legião se voltam cada vez mais para África, como o testemunha, por exemplo, o aumento do número dos seus oficiais de origem africana, concretamente de Lambèse, na Numídia ([10]). E somente nos primórdios do século III, sob Septímio Severo, é que à designação deste corpo militar se acrescenta o epíteto de *Pia* ([11]).

Por conseguinte, a atribuição deste texto aos princípios do século II não oferece quaisquer dúvidas. E Gaio Júlio Saturnino poderá ser, de facto, de origem africana, tendo acompanhado quiçá um dos seus superiores destacado do Norte de África para o Noroeste peninsular.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

FOTO 196

([10]) Cf. LE ROUX (Patrick), *Recherches sur les centurions de la Legio VII Gemina*, «Mélanges de la Casa de Velázquez», 8, 1972, p. 117.

([11]) Cf. LE ROUX 1972, p. 118.

ARA A MARTE PROCEDENTE DE VALVERDE DEL FRESNO (CACERES)

FOTO 197

El ara se encuentra en el caserío de «La Ramallosa», situado al sur del término municipal de Valverde del Fresno, en las coordenadas geográficas 40 07' 10"/6 54' 15". Al parecer lleva varios años en este lugar sin que hallamos podido extraer ninguna noticia sobre su procedencia.

El soporte es de granito y mide 85 cms. de altura. La roca ha sido debastada hasta conformar un ara tosca en la que se distingue un frontis liso y estrecho de 9 x 44 x 37 cms.. Un neto cúbico de 53 x 34 x 27,5 cms. y una basa de 24 x 55 x 44 cms.

No se aprecia ningún tipo de decoración y el aspecto, como hemos dicho, es rústico. Presenta fracturas en los resaltes del frontis y de la basa. También le falta una esquina superior del neto que afecta a las tres primeras lineas de la inscripción. Hay que anotar así mismo que en una de las caras laterales han sido grabadas las letras EP – formando un anagrama – que son, sin duda, las iniciales del descubridor del monumento o de un antiguo propietario del caserío ([1]).

La inscripción se situa en la parte alta del neto. Consta de cuatro lineas de letra capital, grabadas mediante un trazo ancho y poco profundo. Las letras finales de las tres primeras lineas han desaparecido.

La A presenta siempre trazo horizontal y los puntos son redondos.

Altura de las letras: 5,2 - 5,4 - 5,3 - 5,7

Espacio entre letras: 1,2 - 1,4 - 0,5

Lectura:

CADAR(us)
ORAISA(ci. f)
MARTI. V(. s)
L. M.

Transcripción: Cadar(us) / Oraisa(ci. filius) / Marti. V(otum.solvit)/ / L(ibens). M(erito).

([1]) En la actualidad el caserío es propiedad de los señores Piris, a quienes agradecemos las facilidades que nos han dado para el estudio del ara.

Cadarus aparece en Cáparra ([2]). También lo encontramos en otro ara procedente del despoblado de Salvaleón, situado junto a la frontera portuguesa, en la confluencia del rio Baságueda y el río de la Vega (Valverde del Fresno), publicada por nosotros ([3]).

Precisamente es esta última inscripción la que nos ha hecho considerar la terminación del segundo antropónimo como Oraisaci. Estamos pues ante el mismo dedicante y con ello, hemos de considerar la posibilidad de que el ara que aquí presentamos provenga también de Salvaleón.

MIGUEL FIGUEROLA

FOTO 197

([2]) CIL 845/CPIL 359

([3]) GARCIA FIGUEROLA, M.: «Inscripciones romanas de la Sierra de Gata» *Alcantara* n.º 27, mayo-agosto 1987, p. 125 y ss. n. 2. Entonces leímos, con dificultad, Cad(a)rus/Daisaci.F(ilius) / ...

ARA VOTIVA DO LADOEIRO
(*CONVENTUS EMERITENSIS*)

FOTO 198

Ara votiva, de granito de grão fino, que estava embutida na parede de uma casa de habitação no Ladoeiro, freguesia do concelho de Idanha--a-Nova. Desconhece-se-lhe o contexto arqueológico original, mas é provável que provenha da Granja dos Belgaios ([1]).

A ara está bem conservada. A molduração é feita nas quatro faces, donde se conclui que se destinava a ser vista de todos os lados. O campo epigráfico foi polido; apesar de estar um pouco desgastado, permite, no entanto, a leitura da inscrição com uma certa facilidade.

Dimensões: capitel - 11 x 23 x 16; fuste - 25 x 22,3 x 14,2; base - - 12 x 23,4 x 16.

Campo epigráfico: 25 x 22,5.

OIPAẸNGI͡(*ae*) / APANA / PISSIRI (*filia*) / V(*otum*) Ṣ(*olvit*)

A Oipêngia. Apana, filha de Pissiro, cumpriu o voto.

Altura das letras: 3. Espaços interlineares: 1: 2; 2: 1,5; 3: 1; 4: 0,5; 5: 7.

A paginação foi executada segundo um eixo de simetria, com alinhamentos à esquerda e à direita. Há um maior espaço entre as letras V e S, na 1. 4. Não se utilizou pontuação.

O texto não oferece dificuldades na reconstituição. Só na 1. 1 se hesitou na letra E, mas pensamos que essa é a opção correcta. Na 1. 5, pareceu-nos legítimo reconstituir o S, porque há vestígios de ter constado na inscrição.

É um dos casos em que os critérios paleográficos não podem ser utilizados como suporte para uma datação rigorosa, porque se, por um lado, as letras A, O e S se apresentam com as características das capitais quadradas do tempo de Augusto, por outro, o P, embora fechado, é semelhante ao da capital actuária.

([1]) J. M. Hormigo José refere, na p. 6 de um trabalho policopiado a que deu o título de *Ladoeiro – História Breve*, que na Granja dos Belgaios se recolheram aras cujo destino ele ignorava. Esta pode ser, na verdade, uma delas, tanto mais que é dedicada, como veremos, à divindade indígena aí venerada.

O monumento reveste-se da particular importância, porque vem permitir corrigir a leitura do teónimo feita por José Manuel Garcia ([2]) na outra ara procedente do mesmo local; não será *Dipaincia*, mas *Oipaengia*, porque, nesta segunda epígrafe, o O inicial não oferece dúvidas de leitura. Por outro lado, o *ordinator* preferiu, aqui, paginar segundo a lógica textual, mesmo que para isso tenha sido obrigado a deixar incompleto o teónimo, na 1. 1. De resto, tal não ofereceria qualquer problema, porquanto o monumento veio demonstrar também a existência de um culto bem localizado a esta divindade, até agora desconhecida, corporizado quiçá na existência de um santuário na Granja dos Belgaios – onde, aliás, outros materiais romanos foram recolhidos ([3]).

A dedicante e seu pai identificam-se com onomástica indígena que denota um fundo céltico bastante enraizado. Este facto não é estranho, porque o território que mais tarde pertenceu aos Igeditanos sofreu, no século VI a. C., uma ocupação celta ([4]). *Apana* é antropónimo bem conhecido ([5]), circunscrito à Península Ibérica ([6]). Na Hispânia, há também vários testemunhos do nome *Pisirus* ([7]), que é sobretudo característico do Ocidente peninsular ([8]); surge aqui na variante *Pissirus*, que outras vezes ocorre ([9]).

A forma como a dedicante se identifica (inclusive com omissão da palavra *filia*) e também, de certo modo, as características paleográficas do texto sugerem uma datação da primeira metade do século I da nossa era.

MARIA JOÃO AMARO

([2]) Cf. José Manuel GARCIA, *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa, 1991, p. 308.

([3]) Vide J.de ALARCÃO, *Roman Portugal*, Warminster, 1988, p. 75-76 (n.º 4/481).

([4]) Cf. D. Fernando de ALMEIDA, *Egitânia*, Lisboa, 1956, p. 23.

([5]) Vide: José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 495; e José Manuel BENITO ALVAREZ e José Ignácio MARTÍN BENITO, «La romanización de la tierra de Ciudad Rodrigo», *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, p. 479.

([6]) Manuel PALOMAR LAPESA, *La Onomastica Personal Pré-Latina de la Antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, p. 93, 127, 141-142.

([7]) Maria Lourdes ALBERTOS, «Nuevos antroponimos hispanicos», *Emerita*, 40, 1972, p. 305.

([8]) Nelson Correia BORGES, «Nova leitura da inscrição CIL 6275a (Penacova)», *Conimbriga*, 15, 1976, p. 125. Cf. também José Manuel GARCIA, *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, 1984, p. 99.

([9]) Tal como em Cárquere: n.º 5 do mapa elaborado por Nelson Correia Borges.

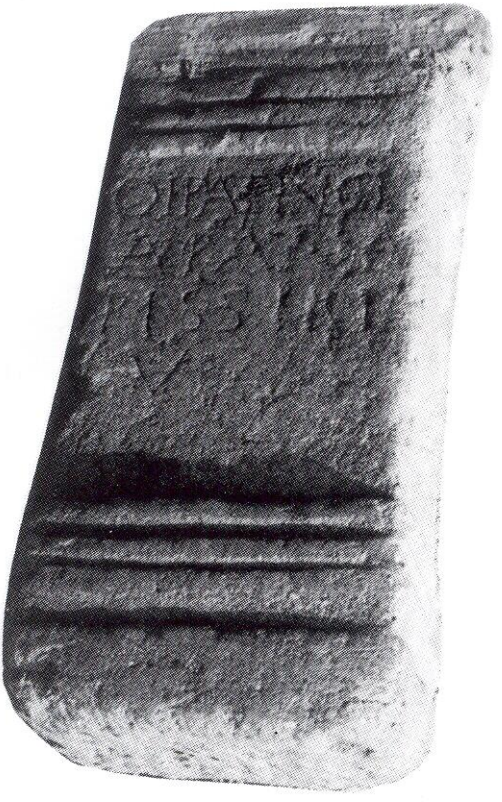

FOTO 198

199
UMA *CASSIA TURRANIA* NUM FRAGMENTO EPIGRÁFICO DA COLUMBEIRA, BOMBARRAL?

FOTO 199

Guarda-se nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, sem número de entrada nem indicação de proveniência, um pequeno fragmento de arenito, epigrafado numa das faces. Tanto o material do suporte, como a onomástica, e, ainda, o talhe da inscrição aproximam-no muito de um epitáfio, existente igualmente neste museu (n.º invent.: 16215), proveniente da Columbeira, Bombarral (distrito de Leiria), publicado por J. Leite de Vasconcellos, e que diz: *M. Cassio. M. / f. Turrino. a. V / Avita. mater / f. c* (1).

Dimensões: 6 x 12 x 4,5.

[.....] / [...] ḶẸA (*hedera*) IVNÎA . ẸṬ[...] / [...] (*hedera*) SABINA . SECVṆ[*da*?..] / [... *Ca*]ṢSIA . TVRRAṆ[*ia* ? ..] / [.....]

Altura das letras: 1,2 (l. 1 *e* = 1; l. 2 *u* incluso = 0,5).

Podem ver-se vestígios de pautas de orientação de escrita. O traçado das letras é muito cuidado e regular. É de reparar no desenho do *b*, com a pança inferior da letra descaída sobre a linha, e o *t* com o traço horizontal saindo em curva no encontro com a haste vertical. Existe o nexo *ni* na l. 1, e na l. 2 o *u* de *Secunda* está incluso no *c* que o antecede. Os sinais de separação de palavras são *hederae* e *puncta*.

A onomástica é romana e relativamente comum. Os gentilícios *Iunius* e *Cassius* estão bem documentados na Lusitânia, bem como o nome *Sabinus/a* que tanto pode ser usado com função gentílica como cognominal, e, ainda que o seu uso como gentilício seja menos vulgar na Hispânia, neste caso, parece tratar-se inequivocamente de um gentilício, uma vez que *Secunda* é, em definitivo, um cognome. O nome de [*Ca*]*ssia Turran*[*ia* ?] poderá relacionar-se com *M. Cassius M. f. Turrinus* da inscrição acima referida, publicada por J. Leite de Vasconcellos.

---

(1) *Analecta epigrafica lusitano-romana,* «AP» V (1900), p. 173.

Nesta ordem de ideias, estaríamos possivelmente perante um ramo familiar local dos *Cassii* que usaria um cognome preferencial, neste caso, sob formas directamente correlacionáveis com *turris* (2) ou com os gentilícios formalmente afins, *Turranus* e *Turranius* (3). Portanto, estes *Cassii* poderiam estar regionalmente ligados com os *Turranii* de Conimbriga, cidade onde este gentilício parece ter tido, segundo G. Fabre e R. Étienne (4), maior representação demográfica, e que fica relativamente perto do presumido local de achado desta inscrição, a qual, pelas suas características paleográficas, pode datar-se de finais do séc. II.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

FOTO 199

(Fotografia de Guilherme Cardoso)

(2) Cf. I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 113 e 187.

(3) Cf. H. SOLIN, O. SALOMIES, *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hildesheim, 1988, p. 192.

(4) Cf. *Fouilles de Conimbriga*, II, Paris, 1976, p. 92.

200
UNA INSCRIPCION FUNERARIA PROCEDENTE DE ALCOZAR (SORIA)

FOTO 200

La inscripción fue hallada en el paraje denominado «Tras las peñas» en Alcozar al efectuar remociones de tierra para construir una nave agrícola. En la actualidad y en espera de que pueda ser depositada en el museo provincial, se encuentra en un almacén propiedad de los dueños de la finca donde fue descubierta ([1]).

Se trata de una estela funeraria con remate semicircular realizada en caliza. A pesar de que no presenta decoración, hay que destacar el rehundido del remate superior que crea una especie de frontón bajo el que se enmarca el texto. La parte posterior presenta una sección ligeramente redondeada, apreciándose los tajos oblícuos que denotan un trabajo poco cuidadoso. Existe una oquedad en el remate superior. Tiene así mismo algunas marcas ocasionadas por la maquinaria agrícola.

Dimensiones: 90 x 45 x 25.

El campo epigráfico ocupa 16 cm., en el tercio superior.

MEDDITTVS. STENNI/CO(*n*). LO[?...]. F(*ilius*) AN(*norum*). LXXV(*quinque et septuaginta*). / H(*ic*). S(*itus*). E(*st*).

Medditus, de los Stennicos, hijo de Lo( ), de setenta y cinco años, yace aquí.

Letras: 3/3,5. Espacios interlineales 2 e 3: 3.

Se observa la línea guía que trazó el lapidario para mantener una caja uniforme y horizontal. Las interpunciones son redondas y en algunos casos incorrectas e innecesarias ya que aparecen separando letras. Al final de la inscripción aparece una línea ondulada que interpretamos también como interpunción.

Letras capitales arcaicas. Su ejecución es irregular y poco cuidada.

La onomástica de la inscripción se ajusta a la indígena, adoptando una fórmula funeraria simple. Consta de un sólo nombre seguido del

---

([1]) Queremos agradecer la información y colaboración ofrecida por D. Constantino de Pablo Cob alcalde del municipio, y las facilidades dadas para el estudio y documentación de la inscripción por D. Isidro Hontoria, propietario de la finca donde fue hallada.

gentilicio, apareciendo la filiación – clara influencia romana – de forma irregular en el espacio interlineal como error u olvido del cuadratario.

Aunque no se conoce una onomástica idéntica, en las inscripciones halladas en la Provincia de Soria encontramos gentilicios con el radical MED en las de Barcebalejo (MEDVTTICVM) ([2]) y S. Esteban de Gormaz (MEDVTTIQVM o MEDVTTICORVM ([3]) y MEDVLINVS ([4])). La ultima localidad está próxima a Alcozar. Así mismo, tenemos atestiguado el radical STEN(IOTE) en una inscripción de Tiermes ([5]). Ambos radicales denotan un origen celta ([6]), al igual que LO que aparece asociado en el caso que nos ocupa a la filiación ([7]). Dentro de la onomástica conocida en la provincia de Soria, aparece en las inscripciones de Calderuela (LOVGVS), Hinojosa de la Sierra (LONGINIVS) ([8]) y Langosto (LOVCI) ([9]).

Con motivo de este hallazgo y otros adscritos culturalmente a la Edad Media, y dado que el yacimiento podía verse afectado por la construcción de la granja, se efectuó una excavación de urgencia ([10]) que documentó la necrópolis, y estructuras relacionadas con el monasterio medieval de S. Vicente, que se conocía por documentación pero que ubicábamos en una zona próxima conocida como «Fuente de San Vicente». Se exhumaron también cerámicas de la Edad del Bronce, pero ningún resto romano. Suponemos que la lápida fue reutilizada como laja cobertera de alguna tumba.

Su procedencia original, aunque Alcozar está en un área próxima a importantes yacimientos celtibérico-romanos como Uxama, Segontia Lanca o Clunia, y cercano a la vía 27 del itinerario de Antonino, pudo ser la *villa* romana de «Las parrillas» en la misma localidad. No podemos

---

([2]) JIMENO MARTINEZ, A., *Epigrafía romana de la provincia de Soria*, 1980, p. 65.

([3]) JIMENO MARTINEZ, A., Ob. Cit., p.115.

([4]) GARCÍA MERINO, C. «Addenda a la epigrafía de Uxama y la nueva estela de San Esteban de Gormaz», *Homenaje al profesor D. Martin Almagro Basch*, vol. III, Madrid, 1983, p. 357.

([5]) ALBERTOS FIRMAT, Mª Lourdes, *Onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 212.

([6]) ALBERTOS FIRMAT, Mª Lourdes, Ob. Cit., pp. 152, 212.

([7]) PALOMAR LAPESA, M., *La onomástica prelatina de la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, p. 78; ALBERTOS FIRMAT, Ob. Cit., p. 136.

([8]) JIMENO MARTINEZ, A., Ob. Cit., pp. 24, 32.

([9]) ALBERTOS FIRMAT, Ob. Cit., p. 136.

([10]) Realizada por la empresa Arquetipo S. C. L, bajo la dirección técnica de D. O. Arellano Hernández.

realizar apreciaciones más concretas ya que este yacimiento sólo se conoce por prospección arqueológica ([11]) y sus materiales están en proceso de estudio.

La factura de las letras, capitales arcaicas, la composición descuidada, el origen indígena de la onomástica antes expuesto, así como la carencia de dedicación a los Dioses Manes que comienza a ser frecuente con el emperador Augusto, nos llevan a fechar la inscripción en una época cercana al siglo I de nuestra era.

ELENA HERAS FERNÁNDEZ

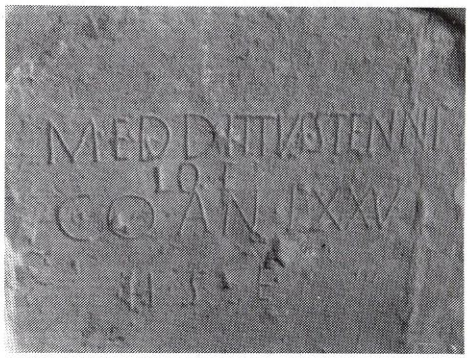

FOTO 200

([11]) Dirigida por D. Oscar Arellano, con la coordinación de D. Alfredo Jimeno.